



Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Empresa Editora: Tip. "União Gráfica", T. do Espinho, 15-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração "Santuário da Fátima,"

FÁTIMA — admirável epopeia de fé

«Virgem Santíssima da Fátima! Se todos os povos vos devem gratidão imensa, maior é a nossa, porque esta pátria, nascida sob a vossa protecção maternal, tem vivido e realizado a sua esplêndida missão através dos séculos, só com o vosso auxílio e amparo.»

(Da tocante invocação à Santíssima Virgem composta pelo venerando Prelado de Leiria e por ele recitada no fim da bênção do Santíssimo Sacramento aos peregrinos por ocasião da grande peregrinação diocesana de Leiria, no dia treze de Agosto de 1933).

Corria o ano de 1917, que devia ficar assinalado como um marco miliário nas páginas gloriosas e imortais da história da Igreja em Portugal.

Aproximava-se o dia treze de Outubro, tão ardentemente desejado por milhões de almas crentes e piedosas.

Dum extremo ao outro do país propagava-se com extraordinária rapidez a boa nova de que a excelsa Padroeira da nação volveu os olhos misericordiosos para os seus vassallos e, num prodígio de bondade e de amor, se dignara aparecer e dirigir a palavra a três humildes e inocentes crianças, fazendo-lhes importantes revelações e misteriosas confidências. A medida que os dias se iam sucedendo, a benévola expectativa convertera-se em intensa e ardente ansiedade.

Só o clero se conservava inteiramente alheio ao que se passava, mostrando uma indiferença absoluta, quando não uma hostilidade manifesta, em face dos acontecimentos que se iam desenrolando na Cova da Iria.

A protagonista das aparições, Lúcia de Jesus, hoje Irmã Maria Lúcia de Jesus, religiosa professa do Instituto de Santa Doroteia, afirmara, com a cândida simplicidade dos seus dez anos, que a Virgem Santíssima tinha prometido fazer no dia da sexta a última aparição um milagre — o *signal de Deus*, como ela lhe chamava na singeleza da sua linguagem de aldeã rude e ignorante, — para atestar a sinceridade dos videntes e garantir a verdade das suas declarações.

A notícia propaga-se, rapidamente, mas sem ruído, por toda a parte, de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de casal em casal, coada através de narrativas mais ou menos exatas, transmitidas de boca em boca, acerca das aparições e dos sucessos maravilhosos.

E o mistério em que essa notícia se envolve, empolgando as almas seduzidas pelo encanto do sobrenatural, torna mais crível ainda essa notícia a que a imprensa não empresta a luz da publicidade e que nenhuma empresa procura fazer conhecida com sóbrio ou espalhafatoso *réclame*.

O maravilhoso *signal de Deus* apareceu efectivamente no céu, rasgando as nuvens e assombrando as multidões que caíam de joelhos, chorando e rezando.

O prodígio anunciado pelos videntes realizou-se no dia e hora indicados, e o seu eco foi tão retumbante que se ouviu por toda a bendita terra de Portugal e para além das fronteiras até aos confins do mundo.

Desde então o caudal das peregrinações cresce e avoluma-se cada vez mais, transformando-se numa torrente impetuosa que despeja sem cessar no recinto sagrado das aparições milhares e milhares de almas impulsionadas por uma fé viva e por uma piedade ardente.

E hoje, a Cova da Iria, que tem sido teatro de tantas scenas admiráveis e de tantas maravilhas divinas, manancial inexgotável de graças e de bênçãos celestes e foco ardente de luz, conforto e vida sobrenatural, acha-se convertida num lindo cantinho do Céu na terra, onde as almas que sofrem e as almas que choram, as almas que trabalham e as

almas que penam, as almas sequiosas de paz, de verdade e amor, vão buscar lenitivo para as suas dores, consolação para as suas lágrimas, alívio para os seus trabalhos, satisfação plena e perfeita de todas as suas mais nobres e mais legítimas aspirações.

O dia doze em Fátima

As primeiras horas da manhã do dia doze, já se viam, no recinto sagrado das aparições, numerosos peregrinos. Uns procediam de Fátima e das povoações circunvizinhas, outros vinham de mais longe, e alguns até dos pontos mais distantes do país. Guardas avançadas do inumerável exército de crentes, que no dia seguinte havia de realizar as grandes manobras gerais no campo dos exercícios espirituais de Fátima, esses piedososromeiros aproveitavam os momentos de menor ruído e movimento, mais propícios à oração e à meditação, para fazerem tranquilamente as suas devoções, no meio de maior recolhimento e fervor.

É um facto perfeitamente averiguado que muitas almas amantes do silêncio e da solidão preferem encontrar-se no grande Santuário da Virgem sós ou quasi sós para renderem, em paz e sossego, longe das vistas indiscretas das multidões, a homenagem da sua veneração, do seu amor filial e do seu reconhecimento, à gloriosa Padroeira e Rainha de Portugal. E assim osromeiros acorrem ininterruptamente a Fátima para fazerem um estágio dalguns dias ou passarem pelo menos algumas horas em doce retiro espiritual, nessa mansão privilegiada do Céu.

Ao cair da tarde, as imediações de Fátima tomam um novo aspecto. São os primeiros contingentes da enorme massa de peregrinos que veem já pressurosos a caminho da Cova da Iria. Nas estradas é um vai-vem contínuo, circulando nelas a cada instante automóveis e *camionnettes*.

Tudo se prepara para a procissão das velas, primeiro acto colectivo das manifestações de fé e piedade da peregrinação mensal durante o período do ano correspondente ao das aparições.

A noite de véspera

Cerca das dez horas da noite, começou na capela do pavilhão central a recitação do terço, presidida pelo rev.^{do} Manuel do Carmo Gois, pároco da freguesia da Barreira, Leiria, que para esse efeito ocupava o púlpito móvel situado do lado da Epístola.

Rezado o terço, efectuou-se a procissão das velas que decorreu com a maior ordem e regularidade, seguindo o percurso do costume e cantando os peregrinos com entusiasmo e fervor o *Avé de Fátima*.

No fim da procissão das velas, a multidão dos peregrinos, reinida de novo no mesmo local donde tinha partido, entoou o *Credo*, dando assim, num cântico colossal, testemunho público e solene da sua fé, sincera, viva e ardente.

É meia-noite. Vai dar-se início à cerimónia, sempre tão piedosa e tão comovente, da adoração nocturna.

As primeiras duas horas são destinadas à adoração e reparação nacional.

O rev.^{do} Manuel Pereira da Silva, secretário da Câmara Eclesiástica de Leiria, faz a exposição do Santíssimo Sacramento. O rev.^{do} Manuel do Carmo Gois preside à recitação do terço, durante a qual se meditam os mistérios dolorosos do Rosário. O rev.^{do} dr. Galamba de Oliveira, professor de ciências eclesiásticas no Seminário de Leiria, faz uma prática no intervalo de cada dezena, comentando o respectivo mistério.

O segundo turno da adoração nocturna é formado pela peregrinação de Idanha-a-Nova e por uma numerosa representação do Seminário Patriarcal dos Olivais.

A este turno seguem-se mais duas horas de adoração, respectivamente das três às quatro e das quatro às cinco: a da peregrinação de S. Julião de Setúbal e a da peregrinação da freguesia da Serra (Tomar).

Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, que se encontrava no Santuário desde a ante-véspera à noite, assistiu junto do altar até ao fim à cerimónia da adoração nacional.

Seminário dos Olivais

A nota característica da peregrinação de Setembro ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima foi a presença duma numerosa representação do Seminário de Teologia do Patriarcal nos actos religiosos comemorativos da quinta aparição da augusta Rainha do Rosário aos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel.

Obra maravilhosa de Sua Em.^{cia} o senhor Cardinal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que pôs na realização dela todo o ardor do seu coração juvenil e todo o fogo da sua alma sacerdotal, cheia de zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas, esse auspicioso viveiro de futuros levitas do Senhor constituiu desde já uma esperança fagueira de melhores dias para a Religião nos vastos domínios do Patriarado Lisboense.

A deputação do Seminário Maior da diocese mais representativa do nosso país era composta dalgumas dezenas de alunos e tinha a presidência o seu ilustre Reitor Mons. Dr. José Manuel Pereira dos Reis, cónego arcebispo da Santa Sé Patriarcal de Lisboa, figura das mais eminentes entre o clero secular português.

Acompanhavam a deputação dois distintos professores do Curso Teológico, os rev.^{dos} Constant Hillion e Pascal Piriou, e o zeloso e dedicado ecónomo do Seminário rev.^{do} João Nunes Ferreira, antigo assistente eclesiástico do benemérito grupo de Servos de Nossa Senhora de Fátima, de Tôres Novas.

A presença dos seminaristas dos Olivais, que se distinguiram sempre pelo seu apuro e correcção e pela sua piedade, e a sua colaboração no canto litúrgico contribuíram em larga escala para imprimir às cerimónias religiosas do dia treze na Cova da Iria o realce e o brilho extraordinários de que foram revestidas.

As missas: duas missas solenes

Os sacerdotes peregrinos principiam a celebrar o Santo Sacrifício da Missa às cinco horas, depois da bênção do Santíssimo, que foi o remate da cerimónia da adoração nocturna.

As missas sucedem-se umas às outras, nos diversos altares do Santuário, sem

Ao Evangelho sobe novamente ao púlpito o rev.^{do} dr. Galamba de Oliveira que fala da devoção e amor filial que todos os cristãos devem ter a Nossa Senhora e se refere à solenidade do dia seguinte, a Exaltação da Santa Cruz, exortando todos os peregrinos a sofrerem com paciência e resignação à vontade divina as dores e tribulações da vida presente.



O Rev. Tomás Perancho, O. P. prégando na peregrinação de Setembro de 1933 em Fátima

solução de continuidade, até às dez horas. A esta hora, no altar do pavilhão central, canta-se a missa privativa da deputação do Seminário dos Olivais em que foi celebrante Mons. Pereira dos Reis, tendo como subdiácono o rev.^{do} João Nunes Ferreira e subdiácono o seminarista Serafim Ferreira Marques.

Comungaram a essa missa todos os membros da deputação do Seminário que assim solenizou a sua peregrinação ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima.

Ao meio-dia, depois da recitação do terço do Rosário e da procissão com a veneranda Imagem da Virgem-Aparecida, começou a missa dos doentes, cujo celebrante teve como ajudantes os srs. Tenente-Coronel Pereira dos Reis e Rui Cordovil.

No fim da missa o rev.^{do} Tomás Perancho, membro da ilustre e benemérita Ordem de S. Domingos, de nacionalidade espanhola, que tinha vindo a Fátima pela primeira vez, dirige a palavra aos peregrinos, traduzindo em linguagem viva e entusiástica as impressões que toda a alma crente sente em Fátima, no local bendito das aparições.

Diz que em Fátima todos se sentem irmãos, porque se reconhecem filhos de Deus e filhos de Maria, que ali se encontra a paz, a verdadeira paz, que o mundo debalde procura alcançar com a força dos seus canhões e com as lucubrções dos seus congressos e, finalmente que, em face das perseguições, de que a Religião Católica é alvo, e que resultam inúteis, como prova a história contemporânea de França e de Portugal e

em breve há-de provar a de Espanha, se verifica a imortalidade da mesma Religião, única verdadeiramente divina.

Chega o momento profundamente tocante da bênção eucarística dos doentes, que é dada por Mons. Pereira dos Reis.

Leva a umbela o dr. Luís Ribeiro Vieira de Castro, médico do Hospital da Lapa, no Porto. Os doentes são cerca de cem. Enquanto a Hóstia Santa, encerrada na Custódia de ouro, paira sobre as suas cabeças como penhor de graças celestes, muitos deles, presos de fundo coração, choram e soluçam, aliviados dos seus males e confortados nas suas dores.

Cruz de dor e amor

Um dos doentes, simpático jovem de 15 anos, de Lisboa, parece ser a única nota discordante neste côro elegiaco. Deitado na sua maca, rosto pálido e emaciado pelo sofrimento mas ao mesmo tempo iluminado pelo suave clarão duma grande e doce esperança, olhar vivo e brilhante, sorriso à flor dos lábios, dir-se-ia que se estava preparando para entoar um cântico de júbilo ou um hino de gratidão. Esse piedoso mancebo queria consagrar a sua vida ao Senhor, no ministério sacerdotal, e, como o seu estado lho permite, espera confiadamente que lhe restitua a saúde para poder oferecer sobre o altar a Víctima Divina ou faça de todo o seu ser uma hóstia viva, pura e agradável, para a imolar na cruz da doença e dos sofrimentos.

Jovem crente e piedoso, que a Virgem Senhora de Fátima aceite o teu martírio, tão cheio de dor e amor, para o transformar, pela virtude do Altíssimo, numa chuva de graças, que deem a Portugal muitos e santos sacerdotes para que estes por sua vez deem Portugal a Deus!

A procissão final

Mas já a Imagem de Virgem de Fátima é conduzida entre lágrimas de comção e cânticos piedosos, para a sagrada capela das aparições. Sobre a sua veneranda cabeça cai uma chuva incessante de flores. A multidão vibra de santo entusiasmo. Por fim é o adeus à Virgem. Hora emocionante como nenhuma outra! Os peregrinos que vão partir rezam, choram e cantam, cheios de funda saudade, aclamando a Virgem que fica ali, mas que os envolve a todos numa grande e carinhosa bênção que os acompanha para toda a parte, como penhor seguro das graças mais preciosas e mais escólicas que lhes reserva nos tesouros do Céu.

E a breve trecho, sobre o recinto sagrado das aparições, cai pesadamente o véu da noite envolvendo nas suas dobras o quadro magnífico e imponente em que mais uma vez se desenrolaram, como no écran dum cinema, as scenas magníficas e incomparáveis de que só Fátima conhece o sublime e maravilhosos segredo...

Visconde de Montelo

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NA ITALIA

Da carta dum aluno leiriense do Colégio português em Roma que com os seus companheiros está a passar as férias em Gubbio, transcrevemos as seguintes consoladoras notícias:

Com grande concurso de gente celebrou-se também aqui, como de costume, o dia 13, em comemoração da 4.ª aparição de Nossa Senhora em Fátima. Talvez à mesma hora em que os sacerdotes levavam a Jesus Sacramentado aí através da grande multidão, também aqui o mesmo Jesus descia ao peito das suas almas prediletas, que o hossanavam, qual eco longínquo deste côro de milhares de milhares de peregrinos: Viva Jesus Sacramentado, Viva Jesus que é nosso amor!

E deveras consolador, para nós, sobretudo para quem já pôde assistir às grandes peregrinações a Fátima, ouvir cá tão longe, os mesmos hossanavos, os mesmos hinos, louvando e bendizendo Aquela que nos veio trazer a celeste mensagem de paz, muito embora estes hinos não passem dum muito frouxo eco do que se passa nesse lugar bendito que é Fátima.

Mas nem só aqui em Gubbio Nossa Senhora de Fátima começa a ser celebrada todos os meses. E já conhecida de V. Ex.ª Rev.ª a propagação que tem feito o Sacerdote Michelangelo Calcagno na Sicília, cujas cartas têm sido transcritas na «Voz da Fátima». Ainda não há muito teve correspondência deste sacerdote, onde me dizia ter celebrado, com grande concurso de gente, o dia 13 de Julho. Entre outras coisas dizia também que Nossa Senhora de Fátima começava a prodigalizar as suas graças, não só corporais, mas sobretudo espirituais.

Também de norte da Itália me pedem continuamente livros, imagens e água de Fátima.

Seria necessário começar agora com o Boletim em italiano sobre as Aparições de Fátima. Sem dúvida que o Sr. P.ª Fonseca terá já falado a este respeito com V. Ex.ª Rev.ª. Sendo sobreverem maiores dificuldades, poremos mãos à

DENTRO DO SANTUÁRIO

A primeira das notas desta secção, não se passou dentro do Santuário, mas está ligada com ele de tal maneira que julgo dever registá-la aqui. Ei-la:

Uma noite subia de automóvel a estrada do Reguengo do Fétal em direcção a Fátima. Ao avistar um lugarejo conhecido pelo nome de «Val da Seta» vi uma luzinha de azeite a tremeluzir junto do 5.º cruzeiro da Via Sacra que está erecta ao longo dessa estrada. Aproximei-me mais do local e ao passar pelo cruzeiro vi um rancho de gente, de joelhos, com o terço nas mãos rezando em voz alta diante daquele cruzeiro.

Que bela gente! Que linda oração da noite! O meu companheiro de viagem diz-me então que já por diversas vezes ali passara ao anoitecer e tivera ocasião de ver semelhante espectáculo.

— Deus queira que, ao menos dentro de suas casas, todos os cristãos de Portugal façam o que ali, ao ar livre, faziam aqueles fiéis: — recitem o seu terço devotamente em família, pais e filhos, para atraírem sobre todos as graças de Nosso Senhor.

A minha mesa de trabalho, chegou há dias, uma Senhora da alta sociedade, com uma esmola importante para o Santuário. Com sua voz um pouco soluçante e com os olhos avermelhados das lágrimas que junto de Nossa Senhora tinha derramado, pediu-me que lhe celebrasse uma Missa pela conversão duma pessoa de família muito afastada da religião.

Pobre Senhora! quanto sofredora e quanto grande era a sua confiança!

— Celebrou-se já o Santo Sacrifício da Missa por essa intenção, e agora a quantos lerem estas notas, ouso pedir que se lembrem nas suas orações da nobre intenção desta Senhora cristã.

Muitas outras intenções têm sido recomendadas a este Santuário por diversos peregrinos. A todos os devotos de Nossa Senhora eu as recomendo também.

Numa tarde estava recitando o Breviário diante do Santíssimo na capela das Confissões, quando ouço junto da porta um ruído desusado, um respirar difícil e incerto proveniente do esforço de alguém que, quasi sem poder, procurava caminho em direcção ao altar mór. Era uma Senhora já velhinha e doente, que, amparada dos lados por duas pessoas de família, ia quasi de rjões porque queria ir rezar junto do S.S. Sacramento.

Ao chegar ao último banco senta-se cansada, e passados uns momentos começa a rezar a Jesus e a Maria. Era tal o seu contentamento no meio das suas dores que, encantada com a Divina Providência, não é capaz de rezar em voz baixa. Deixa expandir o seu coração e desabafa com Jesus e Maria com uma eloquência e um a-vontade tais que chega a comover alguns dos presentes.

Na verdade, é bem evidente que as dores e os sofrimentos fazem reacender a nossa fé diante da grandeza de Deus — o Senhor da saúde e da doença...

— Algum tempo depois, com o mesmo esforço com que entrara, sai da Capela e é recebida junto da porta num automóvel que cautelosamente a leva à sua terra. Nossa Senhora a terá acompanhado e olhado para ela com «os seus olhos misericordiosos».

A alguém, que já há dias dava edificação no Santuário pelo seu recato e pela maneira como recebia e agradecia a Sagrada Comunhão, ao dar-me uma esmola para Nossa Senhora, eu perguntei se era de longe, se já aqui tinha vindo mais vezes, e se no Santuário se sentia bem espiritualmente.

Quasi do extremo de Portugal, diz, viera aqui pela primeira vez nesta ocasião, e sentia-se aqui tão bem que a sua permanência no Santuário, diz ainda, tem sido para si um verdadeiro retiro espiritual! Nunca rezara tão bem... e nunca sentira tanto o contacto de Jesus na Sagrada Comunhão... ia retirar-se com pena e saudade deste sossago que tanto lhe falara à alma... Fôra já a Lourdes onde não recebera as luzes e consolações que aqui está recebendo de Nossa Senhora!...

— Que pena causa que nem todos aqui venham com iguais intenções, — aquecer as almas no regaço de Maria por meio da oração e da Sagrada Comunhão bem feitas!

Alguns, coitadosinhos, entram na Capela do Santíssimo, olham para tudo, tudo examinam, e não se lembram de Jesus Sacramentado sem o qual o Santuário pouco valor tinha!

— Rezemos por eles, para que voltem aqui à procura do divino de que necessitam, e não como se vai a uma praia passar um pouco de tempo.

obra, confiados de que Nossa Senhora nos auxiliará com as suas graças.

Acabo de copiar à máquina a tradução portuguesa do livro do S.ª P.ª Fonseca sobre as aparições.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Doença na garganta

Já de há muito que vinha sofrendo de anginas na garganta e com muita gravidade.

Bastava constipar-me para ficar logo por alguns dias sem poder alimentar-me, sem poder sequer abrir a boca; foram passando anos sobre anos, e eu sempre de quando em quando, com este sofrimento. Fui aconselhada por um distinto clínico a fazer uma operação, pois que sem ela não viveria muito tempo; mas, recendo morrer na operação, continuei sofrendo resignando-me com a sorte que Deus quizer dar-me.

Há-de haver aproximadamente 4 meses que uma constipação me fez aparecer novamente as anginas, e poucos dias depois tinha dois abcessos na garganta. Tinha já sofrido bastante, mas, como desta vez, não me lembro de ter sofrido.

Mandei chamar o médico que, achando-me a garganta em grave estado me mandou ir para o Hospital. Ali, depois de me examinarem, disseram-me que tinha já princípios do tétano. Deram-me uma injeção de soro antitetânico e mandaram que no dia seguinte fosse para ser operada. Durante essa noite delirei com a febre. Entretanto, pedi que me dessem água de Nossa Senhora da Fátima.

Depois de pôr o copo à boca imediatamente consegui abrir os lábios que há oito dias quasi não podia abrir, e depois de beber a água senti óptima disposição e cessaram desde logo as dores na garganta. Adormeci profundamente até às nove horas do dia seguinte. Quando me dirigi ao Hospital os médicos ficaram admirados, pois que me encontraram completamente curada e, graças a Nossa Senhora da Fátima, nunca mais tive sofrimento algum na garganta, favor este que nunca deixarei de agradecer a Nossa Senhora.

Av. 5 de outubro — Lisboa

Júlia da Conceição Silva

Flebite

Ermelinda dos Santos — de Chaves, diz o seguinte: «estando meu pai no Hospital Militar onde foi ser operado, oito dias depois da operação sobreveio-lhe uma flebite que muito gravemente o atormentou. Neste momento, cheia de aflição, voltei-me para Nossa Senhora da Fátima e pedi-lhe a cura de meu Pai. Prometi, se ele se curasse, ir a Fátima com ele e toda a família agradecer a Nossa Senhora a sua cura e de a publicar também no seu jornal.

Chaves

Ermelinda dos Santos

Nefrite Renal

Há doze anos que sofro dos rins. Tendo consultado vários médicos sujeitando-me sempre às suas prescrições embora nunca obtivesse resultados satisfatórios. Sempre muito incomodada ia levando a vida embora com bastante dificuldade, vindo-me obrigada a deixar o meu officio de costureira. Ultimamente, por um excesso de frio a que me expuz, assaltou-me com tal intensidade a terrível nefrite renal que, daí a pouco, tive de recolher à cama onde estive durante dois meses. Mal se pode imaginar quanto sofri eu e Deus o sabemos! todo o corpo sofria horrivelmente. Ia a ser tomada de paralisia quando me chamaram o médico a toda a pressa. Até então cuidara de mim um enfermeiro da terra. Este era de opinião que me fosse extraído um dos rins. Não foi da mesma opinião o médico que me examinou. Sujeitei-me inteiramente a dieta rigorosa que me propôs e com a valiosa protecção de Nossa Senhora da Fátima a quem me confiei, obtive, senão melhoras completas, ao menos sensíveis melhoras a ponto de poder costurar e auxiliar meus pais nalguns serviços domésticos.

Fica pois aqui o meu vivo e terno agradecimento a Nossa Senhora da Fátima.

Um meu irmão, residente no Brasil, agradece a Nossa Senhora da Fátima várias graças que dela alcançou.

Matos

Maria de Jesus da Conceição

Graças diversas

— Rita de Cassia Linhares Brum, de Biscoitos — Açores, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado seu filho Fernando que sofria horrivelmente.

— Tendo obtido por intermédio de Nossa Senhora da Fátima a cura extraordinária duma pessoa da minha família, venho pedir que no jornal «Voz da Fátima» torne pública esta graça que Nossa Senhora me concedeu.

Hermínia Graça Rosa — Estoril

— Rosalina Pinheiro Borda — Fão, agradece a Nossa Senhora uma graça que alcançou por sua intercessão.

— Henrique dos Santos Camponês, de Duartina — S. Paulo—Brasil, agradece a Nossa Senhora o tê-lo curado duma doença de que sofreu durante 6 anos. Estava já desenganado pelos médicos, mas sua Mãe recorreu a Nossa Senhora da Fátima e hoje encontra-se bem, favor que agradece a Nossa Senhora.

— Floriana Ferreira Ribeiro — Estado de S. Paulo—Brasil, teve o pulmão direito tão fraco que o médico chegou a dizer que difficilmente se restabeleceria. Neste estado recorreu a Nossa Senhora da Fátima a quem fez algumas promessas e hoje sente-se bem, graça que vem agradecer a Nossa Senhora.

— Maria Emília dos Prazeres — Caldas de Felgueiras, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe concedeu.

— Inês Lopoldina Alva Horta — Faial — Açores, agradece a N.ª Senhora duas graças que concedeu uma a sua filha Maria Teresa e outra a uma sua neta. Ambas obtiveram a cura de seus padecimentos com a aplicação da água do Santuário da Fátima.

— Custódia dos Santos e sua filha, de Senouras, Concelho de Almeida, vêm reconhecidas agradecer a Nossa Senhora diversas graças que lhes têm sido dispensadas.

— José de Sousa — de Oliveira do Bairro, Viseu, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe alcançou — a cura de uma doença intestinal.

— Um sacerdote diz em carta o seguinte: «O P.ª Manuel Martins Cêpa, pároco de Alvarães — Viana do Castelo, vem cumprir a promessa de tornar pública na «Voz da Fátima», a sua gratidão para com Nossa Senhora da Fátima pela cura verdadeiramente extraordinária de uma sua irmã, gravemente doente durante alguns meses...

Peço a fineza e esmola da publicação do que fica escrito, no prólogo das graças de Maria — «Voz da Fátima».

— Rosa E. Rodrigues — Lamego, agradece a Nossa Senhora a cura que alcançou para um seu sobrinho de 10 meses que julgaram perdido pois que não era possível levá-lo a alimentar-se.

Ao 3.º dia duma novena que por ele fez começou a aceitar o alimento e daí em diante sentiu-se sempre cada vez melhor. Hoje está completamente bem.

— Tendo alcançado uma graça particular por intercessão de Nossa Senhora da Fátima peço o favor de a publicar na «Voz da Fátima», para honra e glória da Mãe do Céu.

— Maria do Patrocínio de Figueiredo e Castro — Oliveira do Hospital, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe valido em circunstâncias aflitivas da sua vida em que a falta de saúde muito a fazia sofrer. Agradece igual graça concedida a pessoa da sua família.

— Maria Silva — Setúbal, agradece a Nossa Senhora uma graça particular.

— Foi recebida uma carta nesta redacção que dizia o seguinte: «Tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima para que me concedesse uma graça temporal, e tendo sido atendida pela Nossa Mãe Santíssima, venho por este meio tornar público o meu reconhecimento, como prometi, para que todos a Ela recorram nas circunstâncias difíceis da sua vida.

Ponta Delgada.

Lucia Armando de Medeiros

— Maria de Nazaré Antunes — Azambuja dos Carros, agradece muito reconhecida a Nossa Senhora da Fátima uma graça particular que lhe concedeu.

— Da Índia fazem-nos o seguinte pedido: «Alexandre de Noronha, Seminário de Rachol, Goa, Índia Portuguesa, agradece muito reconhecidamente a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe alcançado uma graça particular que pedira a Deus por intercessão da Mãe do Céu.»

— Lucinda Coelho — Lourenço Marques, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça que obteve por sua intercessão.

— Clotilde de Sousa Larcher — Mocimboa do Vale, reconhecida a Nossa Senhora da Fátima por uma graça que lhe alcançou, vem depôr o seu reconhecimento público perante tão boa Mãe.

AOS EX.ª ASSINANTES E DISTRIBUIDORES

Não fica bem que haja quem receba «A Voz da Fátima» todos os meses, e que há 3 anos não tenha dado ao menos para as estampilhas. E dentre estes há quem receba rolos de 100 e até de 200 exemplares cada mês! Se pedissem uma esmola pelos leitores e no-la enviassem, «A Voz da Fátima» viveria mais desafogadamente e poderia fazer mais propaganda.

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Transporte... ..	409.182\$12
Papel, comp. imp. do n.º	
132 (65.000 ex.)... ..	3.227\$80
Franquias, embal. trans-	
porte etc.	1.307\$45
Na administração... ..	897\$65
Total	414.615\$02

Donativos desde 15\$00

Joana Veiga — Lisboa, 15\$00; David Morais — Vila Pouca da Beira, 20\$00; Elisa Paulina — Azambuja, 20\$00; Joaquim Gomes — América, 4 dolares; Carlos da Fonseca — Malenga, 20 francos; Mary Silveira — América, 23\$00; Dr. Manuel Pombo — Porto, 30\$00; D. J. Amira Bouças — Brasil, 15\$00; Inácia de Castro — Brasil, 15\$00; Chiquita de Melo — Brasil, 15\$00; Henriqueta Gomes — Brasil, 15\$00; Ana Mac Dowel — Brasil, 15\$00; Maria Soares — Brasil, 15\$00; Felicidade da Fonseca — Brasil, 15\$00; Leonor Pinto — Brasil, 15\$00; Dr. Vicente Galliez — Brasil, 15\$00; Sara Martins — Brasil, 15\$00; Amancio Alfredo — Brasil, 15\$00; Carmen Vieira — Brasil, 15\$00; António Marinho — Brasil, 15\$00; Beatriz Alves — Brasil, 15\$00; Carolina Cardoso — Brasil, 15\$00; Luneta de Ouro — Brasil, 15\$00; Clemente Moreira — Brasil, 15\$00; Herculina Vieira — Brasil, 15\$00; Josefa Tasso — Brasil, 15\$00; Júlia Salvini — Brasil, 15\$00; Superiora do Colégio de Santa Teresa — Brasil, 15\$00; Manuel Tomé — Brasil, 15\$00; Manuel Marinho — Brasil, 15\$00; Manuel Torres — Brasil, 15\$00; Manuel Leite — Brasil, 15\$00; Maria J. Xavier — Brasil, 15\$00; Miguel Campos — Brasil, 15\$00; Noémia Martins — Brasil, 15\$00; Bernardo Figueiredo — Brasil, 15\$00; Cíntia Bastos — Brasil, 15\$00; Constança Barroca — Brasil, 15\$00; Constança Machado — Brasil, 15\$00; Edith de Barros — Brasil, 15\$00; Elisa Castro — Brasil, 15\$00; Avelina Almeida — Brasil, 15\$00; Fernando Jorge — Brasil, 15\$00; Gizelda Melo — Brasil, 15\$00; Jortencia Cardoso — Brasil, 15\$00; P.ª José Duarte — Brasil, 15\$00; Mons. Rezende — Brasil, 15\$00; Mons. José Filipe — Brasil, 15\$00; P.ª Mário Couto — Brasil, 15\$00; Dr. Manuel Moreira — Brasil, 15\$00; Clotilde da Rocha — Brasil, 15\$00; Maria Matias — Açores, 50\$00; José Urbano — P.ª da Serra, 30\$00; Albano Machado — Açores, 15\$00; Clotilde Barcelos — Açores, 142\$50; Distribuição em Passos — C. de Bastos, 63\$50; P.ª Augusto Gomes — Vagos, 30\$00; Maria Morais — América, 22\$00; Ermelinda Leite — América, 44\$00; Maria do C. Pires — Porto, 22\$50; Carmina Calisto — Ilhavo, 15\$00; Maria Duarte — Odiáxere, 20\$00; Maria de Paiva Morais — Frazoeira, 40\$00; P.ª Joaquim M. Simões — Benavilla, 130\$00; António de Avis, 100\$00; António David — Peniche — 50\$00; Maria Miquelina — V.ª dos Azeites, 20\$00; M.ª E. Tibúrcio — Açores, 20\$00; Maria Xavier Ventura — Lisboa, 20\$00; 2 esmolas do Brasil, 20\$00; P.ª Francisco Rocha — Vilela, 30\$00; M.ª de J. Marques — S. João da Foz, 15\$00; Júlia Braz — Arruda dos Vinhos, 20\$00; Ester Pimentel — Brasil, 15\$00; Emília Soares — Tomar, 20\$00; Josefina Macedo — Porto, 15\$00; Madalena Folgado — Porto, 15\$00; P.ª Abílio da S. Mendes — Barreiro, 100\$00; João da S. Mendes — Brasil, 50\$00; Padre José Matias — Aboas, 20\$00 Distribuição no Hospital de Penafiel, 37\$50; Candido Santos — Lisboa, 20\$00; Distribuição em Lagares — P. de Sousa, 20\$00; Padre Manuel Garcia — Açores, 20\$00; Angelina Rosa — Vila Real, 25\$00; Laura Filhó — Loulé 20\$00; M. de Quadros Almeida — Ovar, 15\$00; M. Mendes — V.ª N. da Barónia, 15\$00; esmola do Porto, 15\$00; P.ª Alberto Brito — Freamunde, 352\$50; M.ª do Céu Girão — F. de Algódres, 50\$00; Lucília Dionísio — Granjal, 30\$00; Marta Osório — C. Branco, 20\$00; José R. Pascoal — Brasil, 65\$00; Henriqueta Balzoldo — Freixo, 50\$00; Amadeu Róxo — Porto, 20\$00; Alexandrina Teixeira — Brasil, 16\$00; esmola de Maria Inês Vieira, 50\$00; Guilherme Plantier — Lisboa, 20\$00; Manuel Fernandes — Valado, 15\$00; José Bacelar — Cervães, 20\$00; Arminda Pereira — Lisboa, 20\$00; Maria Cristina Barata — Covilhã, 100\$00; José F. Potes — Évora, 50\$00; António V.ª Boas — Évora, 50\$00; esmola de Manuel Josué — Lavre, 100\$00; Lucinda Rodrigues — Lisboa, 24\$00; Maria Bacelar — Braga, 20\$00; Julia Mendes — Castelo Branco, 20\$00; P.ª António Calabote — Alcácer do Sal, 15\$00; P.ª Gerardo de Pina — Moita dos Ferreiros, 143\$25; Iria Cardoso — Brasil 15\$00; P.ª Bacelar — Cervães, 50\$00; Maria Brandão — Porto, 20\$00; Judit Ribeiro — Lourenço Marques, 50\$00; Laura da Silva — Lourenço Marques, 15\$00; P.ª Mother — Transval 50\$00; Armando Soares — Porto de Rei, 15\$00; Matilde Soares — Lourenço Marques, 18\$00; Júlio Assis — Macau, 25\$00; Lucinda Pereira — Lourenço Marques, 25\$00; Noémia Barata — Lourenço Marques, 15\$00; Laura da Costa — Lou-

Graças de N. S. da Fátima no Brasil

(continuação)

Eczema

Uma Senhora já de avançada idade teve na parte posterior do pescoço uma espécie de eczema que, por mais remédios e pomadas que lhe aplicasse, cada vez ia alastrando mais, chegando a tomar um aspecto feio. Ouvindo, providencialmente, falar na prodigiosa eficácia do recurso a N.ª Senhora da Fátima, cheia de fé começa daí em diante a suplicar-lhe a cura, não podendo ser mais bem sucedida, pois poucos dias eram passados e o pescoço lhe estava completamente limpo, nem nunca mais lhe voltou o pertinaz e incomodativo eczema.

Ferida num pé

Mais maravilhoso ainda que este é o caso de uma outra Senhora, também já idosa, que havia 6 meses tinha num pé uma ferida que, por mais remédios que lhe aplicasse, só fazia piorar cada vez mais. Apesar de pobre, que com o seu trabalho e de outra irmã mal tinha para o diário sustento viu-se obrigada a recorrer ao médico, indo procurá-lo em seu consultório. Infelizmente, porém, os novos remédios por ele indicados não sortiram melhor efeito que os anteriores, e a chaga, como dantes, continuou a alastrar a tal ponto que lhe tomou o pé todo, não lhe sendo já por forma alguma possível calçar-se para sair de casa, tornando-se por isso mister daí em diante que o médico lhe viesse a casa, o que, pelos motivos acima, com a previsão das novas despesas, tanto como o próprio incômodo lhe inspirava sérios cuidados.

Era no mês de Maio. No dia 28 do mesmo a outra sua irmã, por providência do Céu, encontrava-se na Nossa Capela durante a devoção do mês de Maria, assistindo portanto à prática que, como as demais, versou sobre Nossa Senhora da Fátima narrando alguns dos seus prodígios operados em favor de seus devotos. Tanto bastou para ela, cheia de confiança e entusiasmo ir contar tudo a sua irmã, resolvendo as duas obter naquele mesmo dia uma novena e um frasquinho da prodigiosa água, e, sem perda de tempo, começaram a novena. Terminadas as orações da mesma, limpava a doente o melhor que podia o pé ferido e deitava sobre ele umas gotinhas da água do Santuário da Fátima. O mesmo fez nos dois dias seguintes, e, tal foi o prémio da sua fé que, no dia 31 (três dias depois...) com a ferida completamente curada, veio com sua irmã comungar na Nossa Capela em acção de graças em honra de Nossa Senhora da Fátima por tão insigne benefício.

Tumor interno

Agora é a vez de um venerando ancião de 62 anos de idade, que durante 3 meses sofreu cruciantes dores, sem se lhe acertar, com precisão, ao menos, com a verdadeira causa do mal. Vem-se afinal a descobrir que se tratava nada menos que de um tumor interno, e que se tornava urgente uma intervenção cirúrgica. Recessa a família do que poderia acontecer a uma pessoa daquela idade, e, para mais, esgotada com os penosos sofrimentos de bons 3 meses, só veio nisso depois de ter interposto o recurso a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe nêsse sentido uma novena. Dois dias antes

de terminada, sentiu-se o doente notavelmente bem disposto e resoluto a submeter-se à operação. Para maior segurança previne-se com os Sacramentos da Confissão e Comunhão, e assenta-se na operação para o dia seguinte.

Por não sei que imprevisão, porém, só pôde ter lugar no outro dia, coincidindo assim exactamente com o último dia da novena. A operação correu sem novidade, sendo o seu êxito o melhor que se podia desejar, o que a família reconhecida não cessa de atribuir à benéfica intervenção de N.ª Senhora da Fátima.

Queimadura

Alvaro de Sousa Cruz Rios, vítima de um incêndio, quando com gasolina preparava uma massa para encerar o pavimento da casa, ficando com horribes queimaduras no rosto, braços e diversas outras partes do corpo, vendo a ansiedade e aflição da família, foi ele quem a todos serenou, pedindo apenas umas gotinhas da água de Nossa Senhora da Fátima e acrescentando imediatamente: «não há que recear, tomei a água da Fátima, sem dúvida alguma estarei salvo». E a verdade foi que, sem sombras de complicação, o seu restabelecimento foi completo e muito mais rápido do que se poderia esperar, o que todos atribuem a Nossa Senhora da Fátima rendendo-lhe as mais sentidas acções de graças.

Graças diversas, no Brasil

— Armisia Ferreira de Almeida, agradece uma graça alcançada por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— Walter Ferreira de Almeida com a maior sinceridade e reconhecimento agradece a Nossa Senhora da Fátima, a quem especialmente recorreu, o ter ficado sem defeito algum num braço fracturado, bem como o notável alívio das dores com a simples aplicação da água do Santuário da Fátima.

— Adelia Bonfim—Brasil, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma importante graça temporal alcançada por meio de uma novena feita em honra de Nossa Senhora da Fátima.

— António Edwiges de Oliveira — Sítio Novo—Brasil, agradece uma graça especial que por intermédio de Nossa Senhora da Fátima alcançou do Céu.

— Maria José da Costa Bastos, — Cachoeira—Brasil, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça alcançada em favor de uma pessoa da sua família.

— Ilda Carneiro — Brasil, agradece uma graça particular que pediu e alcançou com promessa de a publicar no jornalzinho de Nossa Senhora da Fátima.

— Adelia Pereira de Melo—Brasil, rende graças a Nossa Senhora da Fátima, a cuja intercessão atribue o ter alcançado uma graça muito grande sem a qual certamente já teria morrido.

Agradece também a Nossa Senhora da Fátima um importante benefício alcançado em favor de uma sua sobrinha.

— Alvaro Correia Cardim—Oficial do Registo Civil no Distrito da Vitória, na Baía, com o mais profundo reconhecimento agradece uma graça obtida por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

(Continua)

P.ª J. Miranda, S. J.

Fazer sentinela a Jesus

Um missionário passava, certo dia, pelas ruas duma grande cidade indiana, acompanhado dum aluno da missão. Maravilhado de tudo quanto via, o pequeno enfiava perguntas umas após outras, às quais o missionário respondia com muita paciência. Passando em frente do palácio do Governador e vendo a sentinela, não se conteve que não perguntasse:

— Que faz aquele homem, acolá, vestido de soldado?

O missionário satisfez, mais uma vez, a curiosidade da criança, dizendo-lhe que os Governos e seus representantes costumam, não só para sua guarda e segurança, mas em sinal da muita honra e grande distinção, ter sentinelas à porta do seu palácio.

Passando algum tempo, ambos regressaram à missão sem falar mais no assunto. A noite o missionário, visitando o dormitório, como de costume, não viu ali o rapazinho. Inquieto, procura-o por toda a parte, mas em vão! Por fim vai à Igreja e qual não é o seu espanto ao encontrá-lo, todo perfilado, junto ao altar do SS. Sacramento.

— Que estás aí a fazer? perguntou o missionário.

— Faço sentinela a Jesus, respondeu o menino prontamente.

Quantas vezes, nas nossas igrejas, Jesus, o Prisioneiro de Amor, está completamente abandonado! Se quiséssemos, nós também, ser sentinelas de Jesus!...

Não merece Ele inais honras que os reis da terra?...

Incremento da devoção a N. Senhora da Fátima na baixa Baviera

No dia 13 de Abril de 1932 foram 13 pessoas de Reibach em peregrinação ao lugar de Poxau, distante uns sete quilómetros da sede da freguesia, para ali venerarem a Imagem de N.ª Senhora de Fátima.

Este lugar era já célebre pelo seu Calvário e Capela dedicada a N. Senhora das Dores. De então para cá tem o número de peregrinos aumentado de mês para

bach de dedicar um dos sinos da Igreja paroquial a N. Senhora de Fátima foi entusiasticamente acolhida pelos devotos da freguesia. A origem da promessa é a seguinte: Como se levantassem grandes dificuldades à aquisição do novo sino, o Rev. Stangl prometeu a N. Senhora de Fátima de lho dedicar se todas essas dificuldades fossem removidas. E, na verdade, contra toda a expectativa, pôde o



Sino de Nossa Senhora da Fátima

mês, sendo hoje sete vezes maior do que era então.

Na Igreja de São Salvador de Reibach é também exposta à veneração dos fiéis nos dias 13 de cada mês, desde as 10 horas da noite até às 5 da manhã, uma Imagem de N. Senhora de Fátima.

Este aumento de devoção deve-se, sobretudo, à bela e sugestiva conferência da Sr.ª Dr.ª Grommes, de Munk, feita em Maio do ano passado.

A feliz ideia do Rev. Pároco de Reis-

sino ser fundido até 13 de Maio de 1932 e benziado logo no dia 13 do mês seguinte. O dito sino, que é o segundo em tamanho, ostenta agora a Imagem de N. Senhora de Fátima com a seguinte legenda:

«Ainda que eu tivesse mil línguas não cessaria jamais de cantar o que os anjos no Céu cantam: Avé, Avé, Avé Maria.» (Traduzido do «Bote von Fátima» n.º de agosto de 1933).

O BELIO DO JOÃOZINHO

«O Joãozinho andava impressionado com o lindo sonho que tinha tido e só lhe parecia que tinha sido rial.

— O mamã, como eu fiquei consolado quando beijei Jesus no coração!

— Foi um sonho, meu filho, já te disse!

A mãe também andava apreensiva, tanto mais quanto era preciso satisfazer o constante pedido, quasi súplica, do Joãozinho de ir novamente à igreja para ver Jesus.

— Meu filho, depois de amanhã é domingo e iremos à igreja.

Logo que chegou o domingo, Joãozinho acordou cedo, e correu ao quarto da mãe a chamá-la.

— Vamos, mamã, já estou quasi vestido e pronto para irmos ver Jesus.

Foram. Ao entrar na igreja, Joãozinho fica admirado de ver tanta gente ajoelhada. Olha logo para o altar onde em sonhos lhe aparecera o Menino Jesus. E, vendo nessa altura um sacerdote, pergunta baixinho:

— Quem é aquele que com vestes tão lindas, está no altar?

— É o sacerdote, é o ministro de Deus.

— E é ministro e Pastor como o meu paizinho?

— Não. O teu pai é protestante e este é católico.

— Que faz ele no altar, mamã?

— Diz a Santa Missa. É durante ela que Jesus desce do céu à terra e fica no altar, oculto debaixo das aparências do pão e do vinho.

O pequeno calou-se e muito atento à missa, admirando, parecia esperar o momento de ver Jesus descer sobre o altar. Depois segredou:

— Mãezinha, quando Jesus descer ao altar avise-me. Quero ver se é o mesmo do sonho!

— Mas nós não o veremos descer, meu filho. Veremos só a hóstia branca em que Ele está.

— Por estarmos longe? Chéguemo-nos para mais pertinho... Eu quero ver Jesus!

— Está caladinho sim? Então, sairemos.

O Joãozinho continuou a estar com atenção. O sacristão toca a campainha e ele quer perguntar à mamã, mas como ela o tinha mandado calar... Eis que o sacerdote ajoelha e levanta a hóstia ao alto. Joãozinho vê a hóstia e de repente esta transformar-se num menino muito formoso, radiante de beleza e de luz, e diz em voz alta:

— Ai que lindo, mamã! Não vê que lindo menino? Olhe... Olhe!...

— Tu vês, meu filho? Tu vê-lo?...

Toda a gente se virou para Joãozinho.

— Vejo mamã... estende os bracinhos para nós... Olhe, agora está no altar...

— A mãe, tremendo, começou a cho-

rar. Um leve sussurro se levanta na igreja entre os assistentes.

— Milagrel dizian uns aos outros, está ali um rapazito que viu e vê Jesus no altar! Olhe é aquele...

Acabada a missa, toda a gente quer saber quem é o menino, o que viu, de que família é.

E em volta da pobre mãe forma-se uma multidão. Intervem o sacerdote. Chama Joãozinho e a mãe à sacristia e pede aos circunstantes que aguardem o seu inquérito.

— Que viste tu, meu pequeno? perguntou o Prior.

— Vi uma hóstia branca nas suas mãos e a hóstia transformar-se num menino lindo... era Jesus! Então o Sr. não viu?

O sacerdote abriu uma caixa, tirou uma hóstia por consagrar, mostrou-a ao Joãozinho e perguntou-lhe:

— Era esta?

— Não senhor. Parecia-se com esta mas a outra tinha Jesus!

— Quem to disse?

— Vi eu. A minha mãezinha e o meu pai também já me tinham dito que Jesus estava oculto na hóstia, mas eu vi-o, era um menino muito lindo.

E Joãozinho pegou na hóstia que o padre lhe mostrou, mirou-a e por fim deu-lhe um beijo com muita ternura.

— Então tu beijas esta que ainda não está consagrada?

— Beijo sim, para que quando amanhã Jesus baixar sobre esta encontre nela o meu beijinho de amor!

AOS INCAUTOS

Novamente avisamos de que não tomamos a responsabilidades por quaisquer subscrições, peditórios, rifas ou outra forma de extorquir dinheiro que não é para o Santuário mas para os seus promotores.

A pena e a vassoura

Um irmão leigo, que acabava de ler importante obra de teologia, escrita por illustre membro da Ordem, encontrando-se com o autor, diz-lhe entusiasmado:

— Padre, haveis de ser um dia altamente recompensado por Deus, pelos belos livros que tendes escrito.

— Meu amigo, respondeu humildemente o religioso, no dia do juízo final os meus livros e a vossa vassoura terão o mesmo valor; e se a vossa intenção, ao varrer, tiver sido melhor do que a minha, ao escrever, o vosso lugar no céu será certamente mais distinto que o meu.

Com efeito, tinha razão o religioso; há no céu muitos Santos que passaram aqui, na terra, uma vida completamente ignorada. E que no servir fielmente ao Senhor tanto faz a vassoura como a pena.

Coincidências... que parecem castigos

O Colégio das Artes e Offícios de Madrid, quando da queima dos conventos, tinha uma linda capela e nela uma imagem de S. José. Após a consumação do crime um infeliz operário gloriava-se, no meio de grosseiras e blasfemas galhofas, de haver cortado as mãos à formosa e piedosa estátua. E gritava com ar de grande triunfo: e dizem que os santos castigam os que os maltratam...

E ria, ria, brutalmente.

Dias volvidos, o desventurado operário deixou de frequentar a associação. Ninguém mais o viu em manifestações jacobinas e revolucionárias.

E um dia, o operário entra num dos hospitais de Madrid, servido por religiosas. Ia pedir remédio às Irmãszinhas que insultava, para uma chaga asquerosa que, em dores horribes, lhe comia toda a mão direita.

O caso era grave, e o padecente foi levado à presença do médico que, após ligeiro exames, declarou que era mister cortar a mão, que estava cheia de gangrena, e já, para não comprometer o braço e vida.

O infeliz curvou a cabeça em gesto de um constrangimento estranho. E chorou, chorou copiosamente.

E, como o médico quizesse inquirir da razão da estranha atitude, o desgraçado, em soluços convulsos, tirou do bolso, onde guardara até então, a outra mão, hirta, seca, sem movimento nem vida, e mostrou ao médico, dizendo com o seu silêncio: veja que desgraça a minha. O médico tomando na sua a mão do operário, exclamou: infeliz! Essa mão deve ser igualmente cortada, se quiser conservar a vida.

E na sala das operações do Hospital, no dia seguinte, eram amputadas as mãos, que haviam cortado as da imagem de S. José.

Simplez acaso? Eventual coincidência? Não queremos responder, porque não podemos entrar nos segredos da justiça de Deus.

Mas são já numerosos os casos em Espanha que não nos atrevemos a chamar-lhe meras coincidências.

Um mártir português do sigilo da Confissão

Entre os vários casos heróicos, narrados pela história de sacerdotes católicos que se deixam matar antes que revelar o sigilo da confissão, não ocupa lugar secundário o de um padre português do tempo das invasões francesas.

A um quilómetro ao sul dos Carvalhos, perto do Porto, na estrada que segue para Lisboa, no sítio das Barrancas donde se desliza a estrada de Grijó que passa a Corveiros, existe há mais dum século uma ermida chamada das «Alminhas».

Este nome acariciador e terno recorda uma história cheia de fé, de emoção e de patriotismo.

Recorda o fusilamento de Manuel de Sá Rocha, pelos franceses, no dia da Senhora da Hora, a 11 de Maio de 1809; recorda ainda a morte de sua mãe, que caiu fulminada de dor, ao ver a morte do filho.

A mãe foi trazida por mãos piedosas, para os Carvalhos, aonde chegou quente e talvez com uns restos de vida ainda.

O filho morto foi arrastado até ao Pinheiro das Sete Cruzes, perto da Vergada, e também lá pendurado com um irmão. Esse irmão chamava-se Padre João de Sá Rocha, capelão no Convento de Monchique, onde hoje fica Aljandega do Porto. Foi um mártir do segredo da confissão aquele Padre.

Vagueava por esta região um herói bem triste de aventuras de roubo e de assassinio, cujos ecos apagados andam ainda na tradição das Barrancas. Chamavam-lhe o Catafula e era de Olivães, freguesia de Nogueira.

Um dia, num desforço patriótico, matou três soldados franceses dos muitos que passavam pela estrada. Prêso com outros, acusados de cumplicidade, foram condenados à morte pelas autoridades militares francesas.

O Catafula quis confessar-se e mandou chamar o Padre João de Sá Rocha, que tinha vindo à terra. Depois da confissão os franceses exigiram ao Padre a revelação da confissão do Catafula, para conhecerem todos os seus cúmplices. O Padre soube cumprir o seu dever — respeitar o segredo da confissão.

Por isso foi morto e pendurado como seu irmão Manuel, como o Catafula e mais quatro acusados no Pinheiro das Sete Cruzes.

A capelinha das Sete Cruzes e Capelinha das Barrancas são irmãs, neste sentido; a primeira recorda o martírio do Padre João de Sá Rocha; e a segunda a morte de seu irmão Manuel e da mãe de ambos.

Do «Notícias de Beja»

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

- renço Marques, 15\$00; Clarice Carvalho — Lourenço Marques, 20\$00; Olinda Torres — Lourenço Marques, 20\$00; Conceição Pereira — Lourenço Marques, 50\$00; Vivelinda Costa — Lourenço Marques, 20\$00; Leonilde Valente — Lourenço Marques, 30\$00; Alice Muller — Lourenço Marques, 15\$00; Olivia Pinto — Lourenço Marques, 15\$00; Aurora Nunes — Lourenço Marques, 20\$00; Bento Guerra — Lourenço Marques, 25\$00; Hortência Ferreira — Lourenço Marques, 50\$00; Berta Pestana — Lourenço Marques, 35\$00; Dr. José Alberto — Lourenço Marques, 50\$00; P.ª Martins — Lourenço Marques, 815\$50; Lupo Correia — Guiné Francesa, 15\$00; M. Fraga — América — 25 dolares; Francisco Vicente — Viseu, 28\$30; Luísa Leão — Louzada, 15\$00; M. Sacramento — F. Douro, 20\$00; Zulmira de Magalhães — Lisboa, 15\$00; Brigida Biscaria — Velosa, 20\$00; Julia Ventura — Jafete, 20\$00; Raquel Serralha — Tolosa, 20\$00; Eugénia Portilheiro — Portalegre, 20\$00; Jaime Gomes, 20\$00; Dr. Horácio Pereira, 40\$00; D. Maria Teixeira Figueiredo, 28\$00; D. Gertrudes do Carmo Pinto — Cezimbra, 55\$00.

Água da Fátima

Está encarregado de enviar água do Santuário às pessoas que lhe pedirem o Sr. António Rodrigues Romeiro — Cova da Iria.

—Para o continente será enviada contra-reembolso.

Os Santuários de Lourdes e da Fátima comparados

Com a devida vénia transcrevemos da excelente revista «O Rosário» o seguinte artigo traduzido da revista inglesa «Catholic Review»:

Até há relativamente pouco tempo, não havia talvez um católico inglês em cada dez mil, que soubesse ter aparecido Nossa Senhora, de Maio a Outubro do ano 1917, na Cova da Iria, perto da Fátima, logarejo situado no centro de Portugal.

Todos nós conhecemos Lourdes, de nome, pelo menos; mas poucos sabem que existe há dezasseis anos uma segunda Lourdes, com as suas Aparições, as suas numerosas peregrinações, as suas águas milagrosas, curas e inúmeras comunhões.

As últimas notícias dizem-nos que as manifestações de fé crescem ali de dia para dia. Sem dúvida, muito contribuiu para que o caso fosse desconhecido do mundo, terem sobrevivido as aparições no meio da Grande Guerra; a confusão europeia não deixou que os ecos desses acontecimentos maravilhosos transpuzessem as fronteiras portuguesas. Mais tarde falou-se nisso numa ou duas publicações Católicas, mas que não despertaram muito a atenção do público. Só nestes últimos tempos se divulgou mais o prodígio, pela publicação dum folheto: *Nossa Senhora da Fátima*, por Mrs. Concanon, Doutora de Letras, e dum livro, com o mesmo título, devido à pena do Sr. Zulueta.

Semelhanças

A figura central na história de Lourdes é uma pobre e ignorante camponesa, há pouco tempo erguida por Pio XI às honras dos nossos altares.

É digno de reparo o facto de haver tantas figuras de pastores e pastoras na História da Igreja Católica. Dir-se-ia que o Divino Bom Pastor do Rebanho Cristiano, que confiou os seus cordeiros e ovelhas a Pedro e aos seus sucessores, gosta de escolher os humildes que têm como modo de vida apascentar o gado, para lhes dar lugar de destaque na sua Igreja. Os nomes de Joana d'Arc, Pascal Bailão, Vicente de Paulo, João Baptista Vianney (o Cura d'Ars) e Pedro Faber — o primeiro padre Jesuíta — afloram-nos à memória.

Lúcia de Jesus Santos, de dez anos de idade, a mais velha dos videntes da Fátima, era da classe e profissão de Bernardette Soubirous e não recebera educação superior à desta. Os seus dois companheiros e primos, Francisco Marto, de nove anos, e sua irmã Jacinta, de seis, encontravam-se em idêntica situação. Lúcia e Bernardette tinham pouco mais ou menos a mesma idade; e em ambas se verifica o dito S. Paulo: — *que Deus se serve dos fracos e ignorantes para confundir os sábios e os poderosos.*

Pelas fotografias, Lúcia, a mais velha, afigura-se-nos a menos inteligente e a menos simpática das três crianças. Como Bernardette, ela foi a confidente escolhida por Nossa Senhora. Só a ela, a Virgem Maria falou directamente, ainda que os seus outros dois companheiros também vissem a linda Senhora. Jacinta ouvia o que Nossa Senhora dizia a Lúcia, porém Francisco apenas sabia que Nossa Senhora falava, pelo movimento dos Seus lábios.

Bernadette fez-se freira; Lúcia também seguiu o mesmo caminho. Aos pastorinhos portugueses, Nossa Senhora confiou o segredo que, ainda como sucedeu com Bernardette, eles não deviam revelar a ninguém. Lúcia não o diz e as duas crianças mais novas, que morreram santamente dentro dos quatro anos que se seguiram às Aparições, também não o divulgaram.

Numa das suas seis aparições, Nossa Senhora mandou que se fizesse ali, na Cova da Iria, uma igreja. E logo o povo por iniciativa própria, ergueu no local uma humilde e despretenciosa capela, chamada «Capela das Aparições», o que despertou a cólera do Governo de então extremamente anti-clerical. Alguns perversos sacrilegos, da mais baixa rale, fizeram prontamente voar o tecto da Igreja por meio de bombas; mas as paredes não caíram a pesar de terem sido descobertos vários desses destruidores e mortíferos engenhos, ali metidos.

A azinheira que servira como que pedestal à Visão, também resistiu aos esforços dos ímpios. Contudo, desapareceu depois, mas por causa muito diversa: a avidez popular de obter reliquias. No lugar onde se encontrava, existe agora uma coluna comemorativa e está já meio edificada uma grande Basílica cuja construção é financiada apenas pelas ofertas espontâneas dos fiéis.

Como em Lourdes, os sabichões e os scepticos sorriram desdenhosamente da «história de fadas», enquanto os livres pensadores troçavam e blasfemavam. As pobres crianças foram submetidas a maus tratos e a interrogatórios hostis por parte das autoridades civis — tudo

isto se passou muito tempo antes da ditadura do Presidente Carmona. Os agentes da autoridade empregaram todos os seus esforços para impedir a entrada na Cova e pôr termo «à comédia» como lhe chamavam. Tudo em vão. Estas cenas são a repetição das ocorridas em Lourdes no século passado.

Quanto à acção do clero num e noutra caso, também se notam analogias. O veneravel prior de Lourdes, o Cura Peyramale, pouca atenção prestou, de princípio, à história de Bernardette; assim também o clero português conservou-se durante bastante tempo, por ordem dos seus bispos, inteiramente alheio a tudo. Só passados quatro anos depois das Aparições, quando o entusiasmo popular já estava no seu auge e as peregrinações a Fátima eram constantes, é que o clero tomou parte nessas manifestações. Devemos reconhecer que é louvável essa abstenção pois que deve haver, por parte do clero, uma grande reserva em acreditar em visões e milagres. No entanto, as três crianças eram inabaláveis quando contavam o que tinham visto. As narrativas eram sempre as mesmas. Por mais ameaças, interrogatórios e reprimendas a que as submettessem, elas permaneciam firmes.

Estes acontecimentos provocaram os mesmos comentários de sempre:

«Bem sabemos, é sempre a mesma coisa: O segredo que a ninguém se deve revelar; a visão feita em geral a uma mulher ou criança; os curiosos e os devotos que se aglomeram e que nada veem; os incrédulos que negam; o vidente que persevera nas suas afirmações, sofrendo por isso alguns dissabores. O caso faz falar durante uns nove dias e, depois, ninguém mais se lembra disso».

Este argumento da *semelhança* já tem sido mesmo empregado por críticos de um critério superior ao do vulgar, por exemplo, quanto às Actas dos Mártires; mas a sua refutação é fácil.

No caso presente basta perguntar: — «Será por acaso muito surpreendente que Deus, ao tratar com almas simples, mais ou menos da mesma categoria umas das outras, adopte métodos mais ou menos iguais, visto serem os que exercem uma maior influência sobre elas, ainda que a não exerçam com igual força sobre as pessoas mais eruditas? Quanto aos nove dias do falatório e à rápida indiferença que, segundo esses críticos, se lhes segue, isso pode provar apenas que não há qualquer propósito divino para com o mundo em geral, o que não significa que o não haja quanto à pessoa ou pessoas favorecidas pela visão. Pode-se portanto perdoar a quem alcunhe a objecção apresentada, de prova de falta de inteligência.

Contudo, por amor daqueles que possam deixar-se convencer pelo argumento, parece-nos útil apontar aqui que as maravilhas da Fátima, ainda que tendo alguns pontos de contacto com Lourdes, por exemplo, têm, todavia diferenças muito nitidas.

Diferenças

Assim, na Fátima, a água não surgiu espontaneamente do terreno reconhecida entre rochoso e estéril, durante qualquer das Aparições, nem por intervenção da pessoa que teve a visão ou por ordem directa da Virgem — como sucedeu nas Rochas de Massabielle. No caso de que tratamos, só passados quatro anos, em Novembro de 1921, após a primeira missa campal ali cantada, é que apareceu a água. Por este tempo, as ordens episcopais tinham afrouxado e permitia-se já aos sacerdotes que ministrassem os socorros espirituais aos peregrinos ali aglomerados, confessando-os, dando-lhes a comunhão e oferecendo na sua presença o Santo Sacrifício da Missa, apesar do Bispo ainda não aparecer ali pessoalmente. Logo que rebentou a nascente, o povo improvisou um poço para a recolher; a água corria tão copiosamente que ao meio dia todos a puderam beber.

Mas a nota mais impressionante das Aparições da Fátima é talvez a *familiaridade maternal, a intimidade afectuosa de Nossa Senhora* para com aquelas crianças de espírito singelo, e a liberdade que lhes permitia nas suas relações com Ela.

Em Lourdes, a afirmação feita só depois de muito tempo: «Eu sou a Imaculada Conceição», o brado de «Penitência» várias vezes repetido pela Aparição, e os extasis de Bernardette, tudo isso contribue para criar uma atmosfera de sublime misticismo, que quasi por completo falta na Fátima.

Em primeiro lugar, Nossa Senhora disse aos pastorinhos assustados, que não fugissem, como desejavam, mas que se aproximassem; louvou-os por rezarem o seu terço, ensinou-lhes palavra por palavra uma curta oração para a dizerem no fim de cada dezena, e combinou com eles uma entrevista junto da azinheira no dia 13 de cada mês, incluindo o dia 13 de Outubro. Por sua parte, Lúcia começou imediatamente a interrogá-la, com toda a simplicidade e confiança.

— Obteria a salvação eterna? E Fran-

cisco? E Jacinta? Donde vinha a Senhora? A esta última pergunta, a resposta foi como às outras singela: «Do Céu». E as perguntas prosseguiram: — Quando acabaria a terrível Guerra? Que sinal daria a Senhora ao povo para que acreditasse que ela tinha realmente aparecido, visto que não haviam notado nenhum. E a Virgem anunciou, para a sua última aparição um sinal que traria todas as dúvidas.

Quando, Nossa Senhora retardou no mês de Agosto a sua visita, que deveria ter sido do dia 13, se o Governador Civil de Ourem não houvesse retido as crianças, apareceu-lhes num outro lugar, fez causa comum com os seus pobres filhos, que se lhe queixaram dos maus tratos recebidos, e declarou-lhes que, em castigo dessa maldade, o sinal prometido não seria já tão magnífico, prometendo no entanto maiores maravilhas aos seus três devotos privilegiados. E que espantoso e terrível sinal foi dado ver ao povo!

As Aparições de Lourdes alcançaram a aprovação eclesiástica quatro anos depois de se terem dado; as da Cova da Iria, só treze anos depois, quando, a 13 de outubro de 1930, décimo aniversário da última Aparição, Sua Excelência o Senhor Bispo de Leiria, a cuja diocese pertence a freguesia da Fátima, publicou a sua pastoral, declarando que os sucessos eram dignos de crédito, e sancionando oficialmente a devoção a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Outra diferença, há; mas esta diz respeito a Lúcia pessoalmente. Depois das Aparições, a vidente foi mandada para outro sítio de Portugal, onde descansasse da impressão nervosa que ressentira por causa de todos os interrogatórios, — oficiais e particulares — a que tinha sido submetida, e pudesse aprender a lêr em paz e socôgo, obedecendo assim a uma ordem de Nossa Senhora, dada numa das primeiras Aparições. Mais tarde, por sua livre vontade, e com o consentimento de sua mãe viúva, entrou como irmã leiga novícia num Convento de Doroteas, pronunciando os seus primeiros votos ali em Outubro de 1928, com 21 anos.

Como no caso de Bernardette, os reporters foram conservados a distância, sem considerações quanto à sua condição e categoria. Porém, além disso, à comunidade proibiu-se conversar a respeito das Aparições, pelo menos na presença de Lúcia. Mas o que se deu com a pastorinha portuguesa, ao contrário do que sucedeu com a dos Pyreneus, é que a Irmã Maria Lúcia ignora por completo tudo quanto se tem passado de maravilhoso na Fátima: a nova Basílica, as peregrinações imensas, os milagres, etc. — o que nos parece mortificação bem rigorosa, ainda que não tenhamos o direito de criticar essa medida disciplinar. A circunstâncias diferentes, natural é que correspondam regras diferentes.

A Cova gosa sobre Lourdes da vantagem de ser rodeado por amplos espaços, de todos os lados, o seu vasto recinto. Podem ali reunir-se muitos milhares de pessoas. Pelas várias aberturas deixadas nos muros que limitam a cerca, imensas multidões conseguem evolucionar facilmente entrando e saindo, durante as procissões. Fátima tem também as suas procissões de velas. Os que as viram declaram que o efeito desses milhares de luzes ondeantes oferece um particular encanto, muito seu.

Finalmente, o santuário da Cova é notável pelas inúmeras comunhões realizadas ali no próprio local, — sem falar nas confissões para as quais foi necessário construir (*) dois edifícios, um para homens, outro para mulheres, contendo numerosos confessionários. Há ocasiões em se veem não menos de vinte padres a dar, desde madrugada até depois do meio dia, e quasi ininterruptamente, o Pão da Vida aos peregrinos dos quais chegam a estar ali reunidos, 150.000 a 200.000, vindos de todas as partes de Portugal. Um dos cibórios, que mede quinze polegadas de diâmetro, pode conter 20.000 partículas; outro, 6.000. As confissões, segundo um sacerdote que tem partilhado a árdua tarefa de as ouvir, prolongam-se algumas vezes desde a tarde até de madrugada.

É preciso não se supor, pelo que fica aqui dito, que o clero e o povo português estejam, por assim dizer, a correr ao desafio, com o santuário mais antigo de Lourdes. Pelo contrário, parecem considerar a Cova da Iria como sendo um privilégio puramente nacional, ao passo que Lourdes é tida por todos como o lugar de reunião universal de todo o mundo católico. A situação geográfica e topográfica da Fátima e dos seus arredores, com as suas comunicações difíceis, tende a mantê-la num relativo isolamento. Sem dúvida, quando a sua fama se espalhar mais largamente, os peregrinos virão de outros países, com maior frequência do que sucede agora.

Quem escreve estas linhas não está encarregado de fazer o reclamo da Fátima; fá-lo apenas para cumprir o dever que recai sobre todo o Católico, de contribuir com o seu pouco para glorificar a Deus e honrar a Sua Mãe Imaculada. Entretanto, chegamos nos boatos de visões ocorridas em Beauraing, na Bélgica, sobre as quais é ainda muito cedo para se formar uma opinião.



Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na Igreja de Santa Teresinha do Menino Jesus em Kowloon-Tong (China) e cujo culto foi inaugurado em maio de 1933 com a presença de 11 Bispos

Pedidos a fazer a N. S.ª da Fátima por intermédio dos peregrinos

I — Dum pároco da Baviera

1.º) Cura duma doença mortal; 2.º) por intenção dum seu paroquiano; 3.º) por um credo de servir também seu paroquiano; 4.º) por uma grave doença física e finalmente para que Deus abençoasse o seu apostolado.

II — De Berlim

Pedidos dos diocesanos, do Ex.º Bispo de Berlim, dr. Christiano Schreiber, para que N. Senhora de Fátima se dignasse curá-lo duma grave doença de coração de que vem sofrendo há anos.

III — Da Baviera

Um professor alemão encomenda-se a N. Senhora e aos peregrinos de Fátima 1.º) para que N. Senhora resolva uma situação grave e complicada na sua família; 2.º) para que N. Senhora de Fátima o cure duma grave doença nervosa e psíquica e ainda para que N. Senhora lhe mostre a sua vocação.

IV — De Baden

Para que N. Senhora de Fátima se dignasse resolver uma situação grave e insuportável que reina no seio duma família — situação que só N.ª Senhora poderá resolver.

V — Da Silésia

Para que N.ª Senhora de Fátima ouça as preces duma mãe aflita e dê a todos os membros de sua família uma fé viva e ardente.

VI — Da Suíça

Para que N.ª Senhora ouça as preces de dois irmãos a-fim-de que N.ª Senhora de Fátima lhes dê a graça da fé e concorra para a solução de dúvidas graves.

VII — Da Suíça

Pedindo a graça duma vida pura e entregue à oração, e ainda para que N. Senhora de Fátima por ocasião das peregrinações que se anunciam não nos deixe sem sacerdotes nas nossas freguesias.

Finalmente são ainda recomendadas às orações dos peregrinos de Fátima:

1.º) Duas pessoas gravemente doentes (Hesse); 2.º) Um grave sofrimento de corpo e de espírito (Alta Baviera); 3.º) Uma alma infeliz (Suábia); 4.º) Um doente de 86 anos (provincia renana); 5.º) Uma pobre viúva (Suíça).

Da *Vestejália*: por uma intenção muito especial. De *Baden*: pela fundação dum convento.

Da *região do Ruhr*: pela situação económica difícil que esta região está atravessando. De *Treves*: pela fundação dum instituto religioso feminino. De *Hansstadt*: por um pároco doente e grande venerador de N. Senhora de Fátima. De *Alemanha*: por um pai de família constituído em grave necessidade. De *norte da Baviera*: pela conversão dum livre pensador. De *Alemanha Ocidental*: por uma menina epilética. De *Frância*: por falta do trabalho, pela paz entre irmãos, por uma senhora doente e por uma família infeliz. De *Suíça*: por um doente, pela conversão dum pecador, por negócios mal encaminhados, por uma santa morte, por um pai dado à embriaguez, por dois jovens transviados, por um casal que quer separar-se, pela paz, pela perseverança na fé; pelo movimento litúrgico na Suíça, por um casamento feliz, por uma pura e santa vida debaixo da protecção de Nossa Senhora e ainda pelas necessidades espirituais e temporais duma família, sobretudo por uma doente. De *Austria*: por um pai que implora de Deus a graça de suprir tudo aquilo que ele por ignorância ou negligência deixou de fazer em favor de uma família relativamente à sua salvação eterna.

Pelo restabelecimento da saúde do Dr. L. Fischer.

Pela Ir. Maria Boaventura, O. S. B. do Kloster Leiden Christi, na Suíça, para ser curada duma grave doença.

Artigos religiosos

À entrada do portão da Avenida Central do Santuário encontram-se à venda por conta do Santuário artigos religiosos sobre Fátima.

Também lá são vendidos todos os livros editados em português sobre Fátima.

Nunca os católicos compreenderão suficientemente o pecado que cometem sustentando os maus jornais e deixando na indigência a boa imprensa.

(Cónego Schorderet.)